



Aceitabilidade e produção de preposições órfãs em orações relativas no português brasileiro: comparando falantes de PB e bilíngues português-ínglês

Acceptability and production of preposition stranding in relative clauses in Brazilian Portuguese: comparing BP speakers and BP English students

Marina Rosa Ana Augusto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ / Brasil

mraaugusto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9022-394X>

Ana Angélica da Silva Orlando

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ / Brasil

aninhaorlando17@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3179-8460>

Resumo: Este estudo trata de uma estrutura inovadora do português brasileiro (PB) - as orações relativas com preposição órfã - comparando sua aceitabilidade e produção por falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de inglês e estudantes brasileiros universitários de Letras da habilitação língua inglesa de uma universidade pública do Rio de Janeiro, por meio de duas tarefas: um julgamento de aceitabilidade com escala *likert* e uma tarefa de produção eliciada. Discute-se que essa construção é característica do inglês, o que poderia levar os bilíngues a níveis mais altos de aceitabilidade e produção dessa estrutura no PB. No entanto, manipula-se a divisão de preposições em dois grupos: com maior ou menor propensão a aparecerem em posição órfã, seguindo os estudos de Marcelino (2007) e Salles (2003). Os resultados indicam que há maior aceitabilidade dessa construção pelos bilíngues, sendo sua produção bastante alta, mas praticamente restrita às preposições legitimadas nessa posição no PB. Considera-se que o *input* duplo parece levar os bilíngues a se mostrarem mais tolerantes quanto a essa estrutura, mas apenas na tarefa de julgamento de aceitabilidade. Os resultados também permitem afirmar que as relativas com preposição órfã, respeitadas as restrições, são estruturas já bem aceitas e naturalmente produzidas pelos falantes de PB. Ao investigarmos falantes bilíngues, o estudo sugere que a presença de estruturas similares na língua adicional pode favorecer a aceitabilidade de variantes linguísticas inovadoras na língua materna.

Palavras-chave: orações relativas; preposição órfã; bilinguismo; escala *likert*; produção eliciada.

Abstract: This study investigates an innovative structure in Brazilian Portuguese (BP): relative clauses with preposition stranding. BP speakers and Brazilian undergraduate Portuguese-English bilingual students participated in an acceptability judgement task with a 5-point Likert scale and an elicited production task. Since relative clauses with preposition stranding is a very frequent construction in English, bilinguals were expected to show higher levels of acceptability and production of this kind of structure in BP. However, this phenomenon seems to be lexically restricted in BP: there are prepositions which may be stranded, but there are others which may not, according to Marcelino (2007) and Salles (2003). Our results show that bilinguals do indeed accept preposition stranding in higher levels than BP monolinguals, but their production is similar to that of BP speakers, conditioned by type of preposition, that is, they are only more tolerant with relative clauses with preposition stranding in BP in acceptability tasks. These results also show that these constructions are well-accepted and naturally produced by native BP speakers. The comparison between BP speakers and undergraduate Portuguese-English bilingual students suggests that the presence of similar structures in the additional language may increase acceptability rates of innovative variants in the mother tongue.

Keywords: relative clauses; preposition stranding; bilinguism; Likert Scale; elicited production.

Recebido em 25 de outubro de 2022.

Aceito em 27 de maio de 2023.

1 Introdução

Este estudo trata de uma estrutura considerada inovadora no português brasileiro (PB): o uso de preposições órfãs em orações relativas, como em (1). É, no entanto, importante mencionar que, nessa língua, há diferentes estratégias de formação de relativas: há as relativas canônicas, do tipo padrão (2), e as relativas não-canônicas, de tipo não-padrão, denominadas estratégia copiadora ou resumptiva ou com pronome lembrete (3) e estratégia cortadora (4), restrita às relativas formadas a partir de sintagmas preposicionados (TARALLO, 1983):

1. Esse é o chocolate que eu não fico sem ____.
2. Orações relativas canônicas, do tipo padrão
 - a. Relativa de sujeito
Encontrei o professor que ____ deu a palestra sobre variação linguística.
 - b. Relativa de objeto direto
Encontrei o professor que o diretor havia convidado ____ para o evento.
 - c. Relativa de objeto indireto/oblíquo
Encontrei o professor a quem a Fundação concedeu o prêmio ____.
 - d. Relativa genitiva
Encontrei o professor cujo artigo ____ eu havia lido semestre passado.
3. Orações não-canônicas, com pronome resumptivo/lembrete
 - a. Relativa de sujeito
Encontrei o professor que **ele** deu a palestra sobre variação linguística.
 - b. Relativa de objeto direto
Encontrei o professor que o diretor havia convidado **ele** para o evento.
 - c. Relativa de objeto indireto/oblíquo
Encontrei o professor **que** a Fundação concedeu o prêmio a **ele**.
 - d. Relativa genitiva
Encontrei o professor **que** o artigo **dele** eu havia lido semestre passado.
4. Orações não-canônicas, do tipo cortadoras
 - c. Relativa de objeto indireto/oblíquo
Encontrei o professor que a Fundação concedeu o prêmio ____.
 - d. Relativa genitiva
Encontrei o professor que o artigo ____ eu havia lido semestre passado.

As relativas canônicas, do tipo padrão, particularmente as de maior complexidade, como de objeto indireto/oblíquo e genitivas são pouco frequentes na fala coloquial, sendo reservadas para contextos de maior formalidade, geralmente gêneros mais monitorados de escrita, sendo associadas a falantes mais escolarizados, o que também tem sido reportado em relação ao português europeu e variedades africanas (ALEXANDRE; HAGEMEIJER, 2013). A estratégia resumptiva/copiadora é considerada pouco frequente no PB (CORRÊA, AUGUSTO & MARCILESE, 2018;

KERSCH, 2008; SILVA, 2011), sendo associada à baixa escolaridade (MOLLICA, 2003; RAMOS, 2015; SILVA & LOPES, 2007). Do século XVIII para o século XX no PB, não se atesta um aumento expressivo do uso dessa estratégia, enquanto há aumento no uso de relativas cortadoras ao mesmo tempo em que se verifica um declínio no uso das relativas do tipo padrão (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2009; TARALLO, 1983).

Em relação ao exemplo em (1), nota-se que não se trata nem de uma relativa copiadora, nem de uma relativa cortadora. Por um lado, a preposição está presente, logo não se trata de uma relativa cortadora. Por outro lado, essa preposição, embora apareça em sua posição de base, como na estratégia copiadora, não está acompanhada do pronome lembrete. Trata-se de uma estrutura com preposição órfã – *preposition stranding*¹ – bastante comum na língua inglesa, sendo encontrada em orações relativas e interrogativas:

5. This is the girl I gave the book to ___.
6. What city are you from?

Para Marcelino (2007), esse fenômeno da preposição órfã só ocorre em línguas cujo Parâmetro da Composicionalidade (SNYDER, 1995) é positivo, como no inglês. Toma-se o PB como uma língua que marca o Parâmetro da Composicionalidade como negativo, logo preposições órfãs em interrogativas e relativas não seriam esperadas. Assim, o que se tem visto no PB, segundo Marcelino (2007), constituiria um fenômeno lexical e não gramatical, mais restrito do que o que ocorre no inglês (ver seção seguinte).

Nosso interesse é justamente verificar em que medida essas construções inovadoras já são bem aceitas e efetivamente produzidas, contrastando-se dois grupos de falantes do PB: (i) um grupo de falantes

¹ O termo *preposition stranding*, do inglês, é utilizado para fazer referência a essa preposição que se encontra isolada, sem elementos posteriores que satisfaçam seus requerimentos sintáticos ou semânticos. Vários termos em português têm sido utilizados, como preposição encalhada (CAMACHO, 2012), isolamento da preposição (MARCELINO, 2007), preposição desacompanhada (KLEPPA, 2005) e o termo aqui adotado, preposição órfã, seguindo autores como Kato & Nunes (2014), Kenedy (2006), Marchesan & Miotto (2014), e em consonância com uma das referências mencionadas no artigo, Salles (2001, 2003).

de PB com nenhum ou pouco conhecimento de inglês e (ii) um grupo de estudantes universitários de Letras da habilitação língua inglesa de uma universidade pública do Rio de Janeiro. Busca-se verificar em que medida a exposição a um *input* duplo, do PB e do inglês, em que as estruturas com preposições órfãs estão presentes, poderia intensificar a aceitabilidade e produção dessa estrutura inovadora no PB. Para tanto, faremos uso de dois testes psicolinguísticos: um de aceitabilidade com escala *Likert* e um de produção eliciada. O tipo de preposição utilizada também será objeto de interesse e discutiremos, segundo Salles (2003), uma possível subdivisão entre essas preposições, distinguindo o fenômeno no PB e no inglês.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na próxima seção, apresentamos o fenômeno sob investigação em maiores detalhes, discorrendo sobre a estrutura das distintas estratégias para a formação das relativas e a distinção entre diferentes preposições para a aceitabilidade do fenômeno da preposição órfã. A seção seguinte traz algumas considerações sobre gramáticas múltiplas e *input* duplo, considerando o contato com duas línguas que o grupo de estudantes brasileiros de inglês apresenta, em relação ao fenômeno estudado, ponderando-se sobre a variação linguística já caracterizada para o PB. Os experimentos aplicados a esse grupo e a um grupo de falantes de PB com pouco ou nenhum contato com a língua inglesa são reportados na seção 4, seguidos dos resultados. A última seção traz nossas considerações finais.

2 A estrutura das orações relativas no PB e a preposição órfã

As orações relativas têm sido descritas como orações que apresentam um núcleo nominal², geralmente seguido por um pronome relativo, que é associado a uma posição vazia, uma lacuna (ou um pronome resumptivo, em algumas línguas), no interior da oração relativa. Na literatura gerativista, uma das principais análises que tem sido considerada em relação às orações relativas é a análise do tipo *promotion*, de Kayne (1994), a qual também tem sido adotada para a análise de relativas no PB (KATO & NUNES, 2009; KENEDY, 2002; GROLLA, AUGUSTO & RODRIGUES, 2020; MEDEIROS JUNIOR, 2020).

² Há, ainda, as denominadas relativas livres, as quais não apresentam um sintagma nominal expresso (*Convidei quem os palestrantes indicaram*). Essas não são nosso objeto de interesse no momento.

As análises do tipo *promotion* compartilham a ideia de que a relativa é derivada a partir de um movimento de dentro da oração relativa (BRAME, 1968; KAYNE, 1994; VERGNAUD, 1974). Para Kayne (1994), a oração relativa é complemento de D e o N é gerado dentro da oração relativa junto ao pronome relativo [que livro], sendo que esse DP [tj] se move para CP, havendo, ainda, um novo movimento do N para a esquerda, derivando-se a ordem final [livro que ti]:

7. DP [o [CP [DP [livro]i [D' que ti]]] eu comprei tj]

Kato & Nunes (2009) assumem esse tipo de análise para o PB, particularmente para as relativas do tipo padrão, já que as relativas do tipo não padrão seriam, na verdade, geradas a partir de uma posição mais alta, de deslocamento à esquerda (DE). Ou seja, na verdade, a relativa seria derivada de uma estrutura inicial do tipo:

8. ... que livro, o João sempre cita ele.
... que livro, você vai precisar dele amanhã.

É relevante que esses elementos em posição de deslocamento à esquerda estejam coindexados com um pronome resumptivo na posição de base, que se manterá na relativa. Mas como a posição DE só abriga sintagmas nominais e não preposicionais, o pronome relativo é sempre *que* e o movimento não tem como carregar qualquer preposição.

As estruturas assumidas pelos autores são exemplificadas a seguir (KATO & NUNES, 2009, pp. 114-115):

9. Relativas padrão
- [aquela [CP [DP pessoa_i[DP que ti]]]k [CP C [IP tk comprou o livro]]]]
 - [o [CP [DP livro_i [DP que ti]]]k [CP C [IP aquela pessoa comprou tk]]]]
 - [o [CP [PP livro_i [PP de [DP ti [DP que ti]]] k [CP C [IP você precisa tk]]]]]
10. Relativas com pronome resumptivo
- Eu tenho [uma [CP [DP amigai [DP que ti]]]k [CP C [LD tk [IP elai é muito engraçada]]]]]

- b. Este é [o [CP [DP livroi [DP que ti]]k [CP C [LD tk [IP o João sempre cita elek]]]]]
- c. Este é [o [CP [DP livroi [DP que ti]]k [CP C [LD tk [IP você vai precisar delek amanhã]]]]]

Para Kato & Nunes (2009), nas relativas cortadoras, o movimento também se dá a partir da posição de DE, mas os autores assumem que haveria um pronome nulo especial, dispensando a preposição, no interior da oração relativa, conforme exemplo a seguir:

11. Este é [o [CP [DP livroi [DP que ti]]k [CP C [LD tk [IP você estava precisando prok]]]]]

Kenedy (2002) propõe uma análise distinta, embora também parta da proposta de Kayne (1994). Para esse autor, a distinção entre as relativas do tipo padrão e as do tipo não-padrão se encontra apenas no componente fonológico e não na sintaxe propriamente dita. O DP alvo da relativização deixa um complexo de traços morfofonológicos em sua posição original, que pode ser totalmente apagado para efeitos de pronúncia, como nas relativas do tipo padrão. Nas relativas não-padrão do tipo resumptiva/lembrete, o DP alvo teria uma manifestação fonética de traços que permanecem ativos, como os de gênero, número e pessoa, que constituem o pronome resumptivo/lembrete. Em relação às relativas cortadoras, Kenedy leva em conta a questão de, em PB, haver a formação do núcleo sintático complexo [P+D], assumido por Salles (2003). Assim, o apagamento dos traços do DP movido levará também ao apagamento dos traços de P. Dessa forma, para dar conta da distinção entre relativas do tipo padrão preposicionadas e relativas cortadoras, o autor assume que o movimento do DP alvo pode carrear a preposição, o que implicará a estratégia padrão (12) ou não, o que nesse caso implicará que os traços parciais do DP movido sejam recuperados na forma de um pronome resumptivo/lembrete (13) ou que a preposição seja apagada (14) (KENEDY, 2014, p. 14):

12. relativa preposicionada canônica: [a [camisaj [com a qual tj]i você saiu ti ontem]]
13. relativa preposicionada copiadora: [a [camisai [que você saiu [com elai] ontem]]]
14. relativa cortadora: [a [camisai [que você saiu [com ti] ontem]]]

As análises apresentadas têm em comum o fato de proporem derivações distintas para as relativas não canônicas da língua e as relativas canônicas, com algumas das quais (as de objeto indireto/oblíquo e genitiva) os falantes do PB atual só têm contato com exposição ao letramento. Na análise de Kato & Nunes (2009), essa distinção está no fato de o PB ser entendido como uma língua que faz amplo uso da posição de deslocamento à esquerda, a partir da qual várias relativas do tipo não-padrão são derivadas. Para a geração de relativas preposicionadas do tipo padrão, um movimento da posição de base, almejando todo o PP é necessário. Na análise de Kenedy (2002; 2014), embora não se faça uso da posição de DE, a derivação padrão de relativas preposicionadas deve também necessariamente ter como alvo o PP todo para movimento. Portanto, se apenas o DP for movido, isso privilegia o aparecimento de relativas cortadoras ou resumptivas/lembrete, pois haveria uma dificuldade para lidar com a preposição isolada em PB. Efetivamente, em relação à estrutura relativa inovadora aqui apresentada, a relativa com preposição órfã, verifica-se que nem toda preposição aceita essa posição isolada (retoma-se o exemplo (1) para contraste)³:

15. Esse é o chocolate que eu não fico sem __.

16. *Essa é a blusa que eu gosto de __.

Os estudos de Marcelino (2007) e Salles (2003) debruçam-se sobre essa questão. Segundo Marcelino (2007), a possibilidade de preposições órfãs nas línguas é derivada da marcação de um parâmetro que apresenta um conjunto de propriedades agrupadas sob o Parâmetro da Composicionalidade (SNYDER, 1995).

17. a. *N+N compounding: banana box, book worm*

b. *Resultative: John wiped the table clean.*

c. *Verb-Particle: Mary picked up the book/picked the book up.*

d. *Double Object Dative: Alice sent Sue the letter.*

e. *Preposition Stranding: I know who Alice sent the letter to.*

³ Há alguma controvérsia em relação a que preposições são bem aceitas ou não nesse tipo de construção. Agradecemos, inclusive, a um dos pareceristas os comentários sobre algumas das sentenças.

Em seu estudo, Marcelino (2007) defende que o PB não marcaria esse parâmetro positivamente e essas propriedades estariam ausentes da língua ou se apresentariam como inovações lexicalmente restritas, ou seja, não teriam aplicação geral e irrestrita, configurando-se, inclusive, como propriedades que trariam dificuldades para o estudante brasileiro de língua inglesa. Nesse estudo, Marcelino (2007) aplicou um teste de julgamento de gramaticalidade, com 65 sentenças, 18 agramaticais e 47 gramaticais, a 17 falantes de inglês e 42 aprendizes brasileiros de inglês, subdivididos, em função de sua proficiência, em avançados (21 participantes) ou intermediários (21 participantes), seguido de solicitação de paráfrases (falantes de inglês) ou traduções/explicações sobre o significado das sentenças (aprendizes brasileiros de inglês). A seguir, verificam-se os percentuais de índice de acertos obtidos junto a cada grupo para os vários fenômenos relacionados ao Parâmetro da Composicionalidade (interessa-nos, particularmente, a última coluna, PrStr, com os resultados de *preposition stranding*/preposição órfã):

TABELA 1 - Índice de acertos no julgamento de gramaticalidade em Marcelino (2007)

	N + N	ER	V+PRT	COD	PrStr
Nativos	96%	96%	98%	83%	92%
Avançados	77%	91%	73%	71%	75%
Intermediários	68%	50%	57%	62%	59%
Média	80%	79%	76%	72%	75%

Fonte: Marcelino (2007: 162)

Como pode ser visto, não há um grande domínio em relação ao uso de preposições órfãs pelos aprendizes brasileiros em relação ao inglês (75% de acertos para avançados e apenas 59% para os intermediários). No entanto, nós nos perguntamos se, em alguma medida, a aceitabilidade e uso de preposições órfãs em PB poderia ser intensificada após contato com o inglês. Entretanto, é importante verificar que o fenômeno efetivamente não tem, em PB, a mesma abrangência que tem no inglês. Como mencionado, nem toda preposição aceita a posição órfã em PB, ao passo que essa é a regra geral no inglês, independentemente da preposição presente.

Salles (2003) discute a possibilidade de isolamento ou carreamento da preposição em termos de variação translinguística, observando que o inglês e as línguas escandinavas permitem o isolamento, enquanto línguas românicas adotam o carreamento (exemplos retirados de Salles (2003, p. 254):

18. a. *Quem Maria falou com/ *A pessoa que Maria falou com
- b. Com quem Maria falou/ A pessoa com quem Maria falou
- c. Who did Mary talk to/ The person (that) Mary talked to
- d. To whom did Mary talk/ The person to whom Mary talked

A autora salienta que essas estruturas envolvem movimento, mas tal movimento não tem como foco a preposição e sim algum material que se encontra dentro do PP. Assim, a autora sugere que o carreamento obrigatório de P deve ser explicado por meio da relação entre P e D, dentro de PP. Salienta-se o fato de que as línguas românicas apresentam contração entre preposição e artigo, quando este é definido, e também entre preposição e QU (exemplos retirados de Salles (2003, p. 259):

19. a. a necessidade da/ *de a criança
- b. le besoin des/ *de les enfants
20. a. Donde vem Pedro?
- b. D'où vient Pierre?

Nesse sentido, Salles (2003) propõe que a contração entre preposição e artigo é a expressão morfofonológica da formação de um núcleo complexo [P+D] na sintaxe, que obriga o carreamento da preposição. Salientamos, no entanto, que nem todas as preposições apresentariam a obrigatoriedade dessa contração, como, por exemplo, a preposição *sem*, cujo exemplo com preposição órfã se mostra bem aceito em PB (ver exemplo (1)). Por outro lado, já se verificou que a preposição *de* não funciona como preposição órfã (ver exemplo (16)). Efetivamente essa preposição se contrai com os artigos *o*, *a*, formando *do*, *da*. Também pode-se verificar o mesmo com a preposição *para*, que forma *pra*, *pro*. E o mesmo vale para *em*, formando *no*, *na*. Também poderíamos incluir nesse grupo a preposição *com*, que forma *coo* (*com o menino – co menino*), *coa* (*com a menina – coa menina*) (mas veja nota 2).

Tomando-se, então, os estudos de Marcelino (2003) e Salles (2003), pretendemos contrastar grupos distintos de preposições em nossos experimentos, considerando as preposições que se contraem e seriam menos propensas ao isolamento (*em, para, de e com*) com um grupo de preposições que seriam mais propensas ao isolamento, em que incluiremos *sem, sobre e contra*, além de duas locuções prepositivas, *a favor de e atrás de*, mas sem o elemento *de*. Assim, salienta-se o fato de que se mantém uma carga semântica, contribuindo para um significado específico, o que parece poder favorecer a posição órfã, no PB. Comparem-se, no entanto, as particularidades relativas ao uso de locuções prepositivas nas duas línguas:

21. This is the law you voted in favor of.
22. Esse é o projeto de lei que todos votaram a favor.

Na próxima seção, discutiremos um pouco a questão da variação linguística, de como uma gramática pode acolher valores gramaticais distintos e em que medida essas considerações nos permitem prever situações em que se fala de influências entre línguas (ORTÍZ ALVAREZ, 2002).

3 Múltiplas gramáticas: acomodando a variação e a influência entre línguas

Não só falantes podem dominar mais de uma língua, mas mesmo os falantes de uma língua são, na verdade, expostos a distintas variantes, as quais podem ter valores gramaticais conflitantes entre si. Um caso bastante claro é o próprio PB, em que se tem visto cada vez mais uma maior distância entre o vernáculo e o que é preconizado pelas gramáticas de língua portuguesa, adotadas no ensino brasileiro. As orações relativas, objeto de interesse aqui, são um exemplo desse convívio entre normas distintas, uma vez que se tem, como já apresentado anteriormente, uma estratégia padrão de formação de relativas, que convive com duas estratégias do tipo não padrão, cortadoras e resumptivas/lembretes (TARALLO, 1983), em relação às quais discutimos o lugar da estratégia com preposição órfã (ver exemplos de (1) a (4)).

Kato (2005) observa que o PB vem sofrendo alterações paramétricas (mudanças de valores gramaticais), apresentando propriedades na modalidade oral que se afastam do que é preconizado para a modalidade escrita, formal, mais conservadora. A pesquisadora

preocupa-se, então, em compreender o que seria uma gramática do letrado brasileiro, que só é adquirida com a exposição a essa gramática mais conservadora, característica da escrita no Brasil. Ou seja, é preciso considerar que a gramática de um falante brasileiro culto inclui, além da **gramática nuclear**, natural, espontânea, adquirida naturalmente nos primeiros anos de vida, o que vem sendo denominado de uma **periferia marcada**, onde empréstimos, neologismos, aspectos formais e mesmo possíveis valores paramétricos conflitantes com a gramática nuclear podem estar presentes. Roeper (1999) defende um bilinguismo universal, não só no sentido de que é necessário considerar que os bilíngues têm que acomodar, por vezes, valores paramétricos distintos, mas também ao considerar a variação linguística interna a cada língua. Nesse sentido, para ele, o bilíngue “*stricto sensu*” manteria duas gramáticas, G1 e G2, com o mesmo estatuto, ou seja, gramáticas nucleares distintas até a idade adulta. Mas também o falante monolíngue teria a possibilidade de acomodar valores distintos, no interior de uma mesma língua, abrigando, assim, a variação gramatical, característica de gêneros distintos, permitindo recursos linguísticos com nuances expressivas ao falante. Ou seja, todo falante seria potencialmente um bilíngue latente dentro da sua própria língua e considera-se, assim, que múltiplas gramáticas ficam disponíveis para todo e cada falante. Independentemente da proposta adotada, gramáticas independentes ou uma periferia marcada disponível, a disponibilidade de distintas regras implica assumir um *parser* – um processador estrutural – que acessa esse conjunto completo de regras à disposição do falante. Nesse sentido, por múltiplos fatores atuantes (menor complexidade, maior frequência de acionamento, etc, os quais não vamos aprofundar neste momento), pode-se prever uma influência de uma gramática ou de regras da gramática internalizada ou da periferia marcada para a atuação do *parser* durante o processamento sintático. Um aspecto que queremos salientar é o fato de que um bilíngue português/inglês está recebendo um *input* maior de relativas com preposições órfãs, ou seja, são estruturas encontradas em ambas as línguas, embora com certas restrições no PB, como vimos discutindo aqui.

O fato de preposições órfãs poderem gerar sentenças agramaticais no PB foi investigado em relação ao inglês, como uma interferência negativa desta língua naquela (de Lemos, 2013). A influência do inglês no PB, em relação a preposições órfãs, foi atestada com falantes de herança, vivendo nos Estados Unidos. A autora fez uso de estruturas interrogativas em duas tarefas: uma de produção e uma de julgamento

de aceitabilidade, aplicadas tanto em português como em inglês. Os participantes, 30 no total, tinham entre 4 e 16 anos de idade, eram filhos de imigrantes brasileiros e viviam no sul da Flórida.

Os resultados do teste de produção, em português, evidenciaram que falantes de herança nascidos nos Estados Unidos usavam preposição órfã em frases interrogativas quando falavam português (*Quem ela vai na festa com?*) e o faziam sistematicamente (94%), mesmo com verbos que selecionavam complementos preposicionais em português, mas não em inglês (ex: *I like chocolate/ Eu gosto de chocolate*). No entanto, esses resultados de produção não convergiram com os obtidos na tarefa de julgamento: houve apenas 22% de respostas considerando as sentenças com preposição órfã como corretas em PB, enquanto as sentenças com preposição carregada obtiveram índice de 63% de aprovação.

Os falantes de herança têm a língua inglesa como língua dominante. Nosso interesse se volta para aprendizes de língua inglesa como língua adicional (L2), em solo brasileiro. Nossa hipótese é de que estruturas compartilhadas por ambas as línguas possam ter seu uso intensificado ou alargado, mesmo quando as restrições diferirem levemente entre as línguas, como ocorre em relação ao fenômeno da preposição órfã, que é mais abrangente no inglês do que no PB. Uma vez que há no PB uma forma inovadora que coincide com a forma frequente no inglês, esse *input* duplo que o aprendiz recebe estaria dando destaque à estrutura com preposição órfã, possivelmente, intensificando seu uso ou sua aceitabilidade no PB. No entanto, uma vez que controlamos o tipo de preposição presente nos experimentos, contrastadas entre aquelas que aceitam melhor o isolamento ou não, prevemos que tanto a produção quanto a aceitabilidade das relativas com preposição órfã poderão se conformar a essa distinção. Nossa coleta de dados será reportada na próxima seção.

4 Experimentos

Dois experimentos foram elaborados para a coleta de dados desta investigação, tendo feito parte da dissertação de mestrado da segunda autora (ORLANDO, 2021)⁴. Trata-se de um julgamento de aceitabilidade com escala *Likert*, em que sentenças com preposições órfãs

⁴ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética da UERJ, sob número CAAE 26546719.6.0000.5282

foram apresentadas aos participantes e um teste de eliciação de estruturas relativas, também manipulando dois conjuntos de preposições, com maior ou menor tendência ao isolamento. Os experimentos foram aplicados a dois grupos de participantes: falantes de PB, com nenhum ou pouco conhecimento de inglês e estudantes universitários do curso de português-inglês da UERJ, com nível de proficiência intermediária superior.

O teste de julgamento de aceitabilidade foi aplicado via *google forms* e foi composto por 32 questões, sendo 12 sentenças-testes e 20 distratoras. As sentenças-teste apresentam sentenças relativas com preposições órfãs, sendo subdivididas em dois tipos: preposições (ou locuções prepositivas) do grupo (A), com maior tendência ao isolamento, como: *em cima, sobre, sem, a favor, contra e atrás*, e preposições do grupo (B), que não são bem aceitas em posição órfã, como: *em (2), para (2), de e com*. Utilizou-se uma escala *Likert* de cinco pontos, conforme exemplo a seguir:

FIGURA 1 - Exemplo de sentença do teste de julgamento de aceitabilidade

3- Rabiscaram toda aquela mesa que o menino estava sentado em cima. *

Boa

Quase boa

Mediana

Quase ruim

Ruim

3- Rabiscaram toda aquela mesa que o menino estava sentado em cima.

Correção, se necessário.

Fonte: Orlando (2021: 68)

O teste de eliciação foi aplicado individualmente de forma remota, fazendo-se uso de uma série de *slides/pranchas* em *power-point*, e constituía-se de 26 questões, sendo 12 sentenças-teste e 14 distratoras, organizadas em duas listas invertidas. O objetivo do teste é eliciar sentenças relativas a partir de um contexto anterior, com base em imagens apresentadas (NOVOGRODSKY & FRIEDMANN, 2006). Os mesmos dois grupos de preposições (A) (*em cima, sobre, sem, a favor, contra e atrás*) e (B) (*em, para (2), de e com (2)*) foram utilizados nesta tarefa.

FIGURA 2 - Exemplo de prancha utilizada

A avó fez bolo de chocolate para o neto.

A avó fez bolinho de chuva para o neto.



Que neto é esse?

Esse é o neto...

Fonte: Orlando (2021: 71)

Contabilizou-se a produção de relativas com preposição órfã e relativas cortadoras, as principais estratégias identificadas para a produção de relativas com preposição, computando-se outros tipos de relativas produzidas (padrão ou resumptiva/lembrete), assim como outro tipo de resposta/não respondeu, como respostas outras, conforme exemplos a seguir:

23. Relativa com preposição órfã

Esse é o neto que a avó fez um bolo de chocolate para.

24. Relativa cortadora

Esse é o neto que a avó fez um bolo de chocolate.

25. Outras respostas

a. Relativa padrão

Esse é o neto para quem a avó fez um bolo de chocolate.

b. Relativa resumptiva/lembrete

Esse é o neto que a avó fez um bolo de chocolate para ele.

c. Respostas outras ou não resposta

Esse é o neto que fez um bolo de chocolate.

Nossa hipótese, como já mencionado, é de que a exposição ao *input* duplo – português brasileiro e inglês – corrobore a possibilidade de estruturas com preposição órfã, intensificando a aceitabilidade e a produção desse tipo de estrutura em maior grau nos estudantes bilíngues em comparação aos falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de inglês.

Desse modo, prevê-se, para o julgamento de aceitabilidade: (i) taxas maiores de aceitabilidade para as preposições do tipo (A) do que do tipo (B), tanto pelos falantes de PB, quanto pelos bilíngues; (ii) taxas maiores de aceitabilidade tanto para preposições do grupo (A), quanto do grupo (B), pelos participantes bilíngues em comparação com os não bilíngues de inglês.

Em relação ao teste de produção, prevê-se que (i) preposições do tipo (A) privilegiarão a produção de estruturas com preposição órfã por ambos os grupos, mas mais acentuadamente pelos bilíngues, já que se trata de construção compartilhada pelas línguas; (ii) preposições do tipo (B) privilegiarão a produção de estruturas cortadoras pelos falantes de PB, mas possivelmente em taxas menores para os bilíngues, uma vez que essa estrutura não é compartilhada pelas línguas, sendo agramatical no inglês.

Em suma, prevê-se que a aceitabilidade de estruturas com preposição órfã seja acentuada, incluindo-se preposições do grupo (B), particularmente para os bilíngues. No entanto, prevê-se que a produção de preposição órfã seja mais acentuada para as preposições do grupo (A), enquanto para o grupo (B) predominem estruturas do tipo cortadora, particularmente para os falantes de PB, possivelmente com taxas mais baixas para os bilíngues.

4.1 Julgamento de aceitabilidade com escala *Likert*

- Participantes

Participaram dessa tarefa: (i) 12 participantes falantes de língua portuguesa com pouco ou nenhum conhecimento de inglês, na faixa etária entre 21 e 47 anos, sendo 11 mulheres e 01 homem, brasileiros, com ensino superior completo ou em andamento; e (ii) 12 bilíngues estudantes universitários do curso de Letras – inglês/ literaturas da UERJ, brasileiros, com idades entre 19 e 34 anos, sendo 09 mulheres e 03 homens.

O grupo de bilíngues universitários realizou um teste de nivelamento *online* da *Oxford*, que possui 40 questões. A avaliação do teste se enquadra no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas, isto é, ao final do teste recebe-se uma avaliação que contempla nivelamento básico (A1, A2), intermediário (B1, B2) ou avançado (C1, C2). Os 12

alunos que participaram obtiveram nível B2, que consiste em um nível intermediário superior, em que o falante de segunda língua tem um bom nível de conhecimento da língua, e é capaz de agir de forma independente.

- Material

Como já mencionado, foi elaborado um questionário via *google forms* com 32 questões, sendo 12 sentenças-testes e 20 distratoras. As primeiras telas do questionário apresentavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e solicitavam algumas informações pessoais, como idade, sexo, formação/período do curso em andamento. O início da apresentação das sentenças indicava que se avaliassem as sentenças, definindo se são boas na Língua Portuguesa oral culta. O questionário iniciava-se com sentenças distratoras, parte delas gramaticais, parte com desvios comumente apontados pelas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, como desvios de concordância ou uso de verbos impessoais no plural. As sentenças-teste apresentavam relativas com preposições órfãs, sendo 6 sentenças com preposições do grupo (A), com maior tendência ao isolamento, como: *em cima, sobre, sem, a favor, contra e atrás*, e 6 sentenças com preposições do grupo (B), que não são bem aceitas em posição órfã, como: *em (2), para (2), de e com*. Utilizou-se uma escala *Likert* de cinco pontos com as indicações: boa, quase boa, mediana, quase ruim, ruim (veja Figura 1). A seguir, alguns exemplos das sentenças utilizadas:

26. a) A proposta que eu sou a favor não deve ganhar no plebiscito, infelizmente.
b) O biscoito que eu não fico sem esgotou em todos os supermercados.
27. a) O apartamento que meu irmão morava em tinha várias infiltrações.
b) O livro que o aluno necessitava de estava esgotado.

- Procedimento

Os bilíngues foram contactados com uma visita às salas de aula para fazer o convite de participação no experimento. Aqueles que fizeram parte do experimento receberam horas de atividades complementares pela participação. Os falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de inglês foram contactados via rede social dos pesquisadores. O *link* para o questionário era disponibilizado via *email* ao participante, que era orientado a buscar um local tranquilo para realizar a tarefa, respondendo com atenção e sem interrupções para consultas de qualquer tipo.

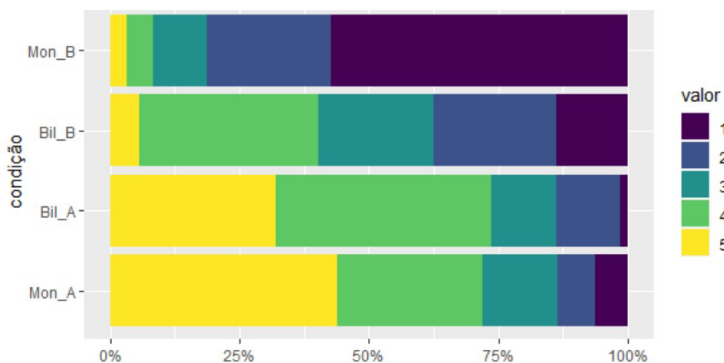
Finalizada a tarefa, as respostas eram coletadas pela ferramenta para posterior acesso pelo pesquisador.

- Resultados

Os dados foram tratados no *software* R Studio (R CORE TEAM, 2013; versão 4.1.10). Ajustou-se um modelo de regressão logística de efeitos mistos, considerando-se os valores de aceitabilidade como variável dependente, grupo e condição como efeitos fixos e sujeitos como fator randômico. Por se tratar de dados ordinais, advindos de uma escala *likert* de 5 pontos, utilizou-se a função `clmm()`, inclusa no pacote Ordinal (CHRISTENSEN, 2019). Em uma comparação aninhada, o modelo que considerou a interação entre grupo e condição se mostrou mais explicativo do que o modelo sem a interação ($p < 0,001$) e o modelo nulo ($p < 0,001$).

A distribuição dos valores de aceitabilidade da escala utilizada, por grupo (Mon – para falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de inglês e Bil – para estudantes brasileiros bilíngues português/inglês) e condição (preposições do grupo (A) – mais propensas ao isolamento e preposições do grupo (B) – menos propensas ao isolamento), encontra-se no Gráfico 1. Considerando-se 4 e 5 como avaliações positivas e 1 e 2 como avaliações negativas, percebe-se que as preposições da condição (A) são as que recebem mais valores 4 e 5, por ambos os grupos, enquanto as preposições do tipo (B) são bem mal avaliadas, particularmente pelos falantes não bilíngues, com mais valores 1 e 2, enquanto os bilíngues dão notas mais variadas, sendo 4, um valor positivo, o valor mais frequentemente atribuído para essa condição (B) por esse grupo (Bil):

GRÁFICO 1 - porcentagem de julgamento por nível de aceitabilidade (1 a 5)



Fonte: elaboração própria.

O *output* do modelo, tomando o grupo bilíngue e a condição (B) como referência, mostrou que houve efetivamente uma diferença significativa entre a distribuição da aceitabilidade para esse grupo e o grupo de falantes de PB, na avaliação dos estímulos dessa condição: cerca de 40,28% dos bilíngues consideraram as sentenças do tipo (B) como aceitáveis (notas 4 e 5), enquanto apenas 8,33% dos falantes de PB fizeram o mesmo julgamento positivo das sentenças. Há, nesse sentido, um efeito de grupo, o que é também atestado pelo modelo, que mostra uma diferença entre médias significativa ($p < 0,001$).

TABELA 2 - Resultados do modelo com Bil_B como referência

(Ref.: Bil_B)	β	Erro Padrão	z	p
Mon_B	-2,2226	0,4577	-4,856	< 0,001
Bil_A	1,6092	0,3064	5,251	< 0,001
Mon_A	2,4566	0,4354	5,642	< 0,001

Fonte: elaboração própria.

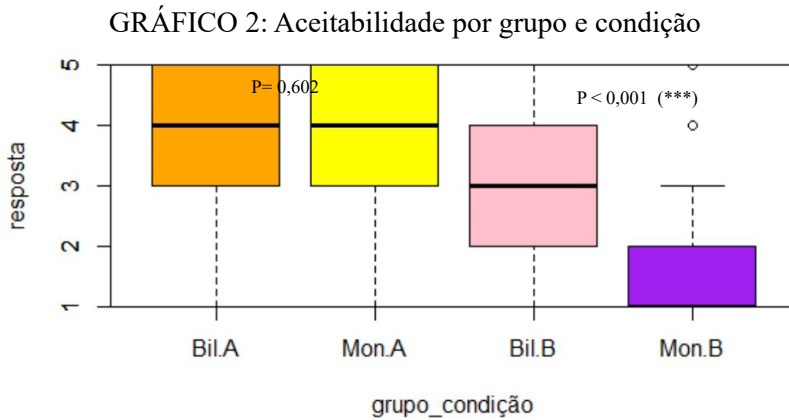
Já o modelo que tomou a condição (A) como valor de referência indica que não houve diferença entre os grupos ($p = 0,602$). Para essa condição, o grupo de bilíngues fez um julgamento positivo de 73,61%, enquanto o grupo de falantes de PB o fez em 71,87% (considerando notas 4 e 5).

TABELA 3 - Resultados do modelo com Bil_A como referência

(Ref.: Bil_B)	β	Erro Padrão	z	p
Mon_B	0,2339	0,4487	0,521	0,602
Bil_A	-1,6092	0,3064	-5,251	< 0,001
Mon_A	-2,4566	0,4354	-5,642	< 0,001

Fonte: elaboração própria.

O Gráfico 2 mostra essa diferença de comportamento dos grupos entre as condições (A) e (B). Percebe-se que para as preposições da condição (A), ambos os grupos (Bil. e Mon.) apresentam comportamento semelhante, sem diferença estatisticamente significativa ($p = 0,602$), com avaliação positiva, média 4, enquanto para a condição (B), os grupos diferem estatisticamente ($p < 0,001$), com avaliações mais positivas pelo grupo dos bilíngues (3), em comparação com o grupo dos não-bilíngues (1):



Fonte: elaboração própria.

Em suma, nossas previsões iniciais foram assim parcialmente corroboradas pelos dados: (i) houve efetivamente taxas maiores de aceitabilidade para as preposições do tipo (A) do que do tipo (B), tanto pelos não bilíngues, quanto pelos bilíngues; mas (ii) maiores taxas de aceitabilidade pelos bilíngues em comparação com os não bilíngues foram obtidas apenas para as preposições do grupo (B), sendo as preposições do grupo (A) altamente aceitas por ambos os grupos.

Os resultados são, não obstante, bastante interessantes na medida em que indicam que a aceitabilidade de preposição órfã do tipo (A) pelos falantes de PB é bastante alta, sugerindo que a construção já se mostra legítima nessa variedade da língua, com essas preposições. Adicionalmente, o comportamento dos bilíngues em relação às preposições do tipo (B) indica efetivamente que esse grupo se mostra mais tolerante com essa construção, avaliando melhor a estrutura com preposições órfãs desse tipo (B), que são mais claramente rejeitadas pelos não bilíngues. Pode-se afirmar, assim, que a exposição ao inglês facilita a aceitabilidade da estrutura com preposição órfã do tipo (B), a qual não se mostra aceita pelos falantes de PB não bilíngues.

4.2 Produção eliciada de relativas

- Participantes

Os mesmos participantes do teste de julgamento de aceitabilidade com escala *Likert* participaram da tarefa de eliciação.

- Material

Para esta coleta, foram elaboradas 27 *slides*/pranchas no programa *power-point*, sendo uma prancha de abertura e 26 *slides* contendo imagens para a eliciação das sentenças relativas. Dentre esses, 12 eliciavam sentenças-teste e 14 eliciavam relativas de sujeito, sendo distratoras. As duas primeiras pranchas apresentavam sentenças distratoras, que funcionavam como um aquecimento, possibilitando que o participante compreendesse como funcionava a tarefa. Esses *slides* foram organizados em duas listas invertidas, a partir da terceira prancha do teste. As preposições utilizadas nas sentenças-teste pertenciam ao grupo de preposições (A) (*em cima, sobre, sem, a favor, contra e atrás*), mais propensas ao isolamento, ou ao grupo de preposições (B) (*em, para (2), de e com (2)*), menos propensas ao isolamento, como já mencionado. Os *slides* foram animados e as informações não apareciam todas ao mesmo tempo (ver Figura 2).

- Procedimento

Cada participante definiu um dia e horário para a aplicação do teste, o que foi feito individualmente por meio de uma plataforma como *Zoom* ou *Meet*. Após consentimento do participante, a interação foi gravada para posterior transcrição. A apresentação das pranchas era feita, iniciando-se com a leitura das sentenças que apareciam junto às imagens. Posteriormente, a pergunta que aparecia era lida pelo pesquisador. Ao mesmo tempo, surgia uma seta que apontava para uma das imagens, definindo o tipo de informação que o participante deveria considerar para formular sua resposta. Um início da resposta que o participante deveria utilizar era apresentada. O participante era estimulado a ler e completar essa oração para responder à pergunta (ver Figura 2). Todas as sentenças eram gravadas e foram transcritas para que se pudesse avaliar o tipo de resposta fornecido pelo participante para as sentenças-teste (ver exemplos de (23) a (25)).

28. Ex: O diretor falou sobre este filme. A atriz falou sobre este outro filme.

Que filme é este?

Respostas esperadas possíveis: Este é o filme sobre o qual o diretor falou./ Este é o filme que o diretor falou sobre./Este é o filme que o diretor falou (dele).

- Resultados

Nossas previsões consideraram que preposições do tipo (A) privilegiariam a produção de estruturas com preposição órfã pelos falantes de PB e, ainda mais acentuadamente pelos falantes bilíngues, já que se trata de construção compartilhada pelas línguas, enquanto preposições do tipo (B), menos propensas a aparecerem em posição órfã no PB, privilegiariam a produção de estruturas cortadoras pelos falantes de PB, mas possivelmente em taxas menores para os bilíngues, uma vez que essa estrutura não é compartilhada pelas línguas.

Sendo assim, duas análises foram empreendidas. Primeiramente, ajustou-se um modelo misto binomial que considerou resposta como variável dependente (dois níveis: órfãs ou outras), grupo e condição como variáveis independentes e sujeitos e itens como efeitos aleatórios (BAAYEN; DAVIDSON; BATES, 2008), usando a função *glmer* do pacote *lme4* (BATES et al., 2015). Uma comparação por modelos aninhados, a partir da razão de verossimilhança (WINTER, 2013) mostrou que a interação entre grupo e condição não foi significativa ($X^2 = 0,7523$, $p = 0,3857$). Quando comparado ao modelo nulo, o modelo que considerou somente grupo também não se mostrou com melhor poder de explicação dos dados ($X^2 = 1,3621$; $p = 0,2423$). Já o modelo que considerou somente condição se mostrou melhor do que o modelo nulo ($X^2 = 24,847$; $p < 0,001$). Nos modelos aqui reportados, os valores *p* foram calculados a partir do pacote *lmerTest* (KUZNETSOVA; BROCKHOFF; CHRISTENSEN, 2017).

TABELA 4 - Resultados do modelo com Conda como referência

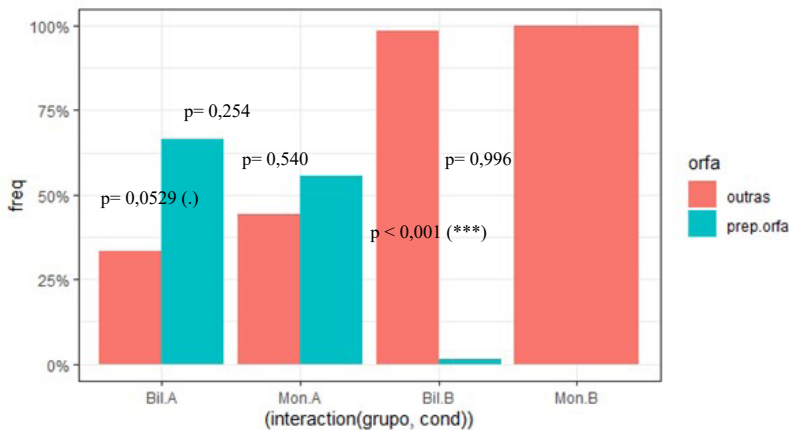
	β	SE	Z	P
Ref.: Conda	0,580	0,379	1,530	0,126
condB	-6,181	1,171	-5,276	1,32e-07***

Fonte: elaboração própria.

O *output* do modelo nos mostra que, para cada produção de preposição órfã entre os grupos na condição (A), há apenas 0,002 produção de preposição órfã na condição (B) ($\beta = -6,181$; $SE = 1,171$; $z = -5,276$; $p < 0,001$). Esse valor é esperado haja vista que, na condição (A), 61,11% das produções (88/144) foram feitas com essa estratégia, enquanto, na condição (B), esse valor é de somente 0,70% (1/142) (a

única produção é do grupo de bilíngues, inclusive). Não há, nesse sentido, diferença entre grupos (bilíngues x monolíngues) quanto à preferência pela preposição órfã entre as condições. Ou seja, a produção de relativas com preposição órfã é igualmente alta para a condição (A) por ambos os grupos e igualmente baixa para a condição (B), em ambos os grupos. O Gráfico 3 mostra isso (lembra-se que Mon são falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de inglês e Bil é o grupo de estudantes brasileiros bilíngues português/inglês):

GRÁFICO 3- % de produção de preposição órfã em função de grupo e condição



Fonte: elaboração própria.

Esses primeiros resultados demonstram que as preposições do grupo (A) são as que levam a taxas mais altas de produção de relativas com preposições órfãs, seja por monolíngues ou bilíngues. Embora haja um percentual maior de produção pelos bilíngues, esse aumento não se mostra estatisticamente significativo, na comparação com os monolíngues ($p = 0,254$). Por outro lado, essa estratégia não é utilizada na produção de relativas com preposições do grupo (B) pelos falantes de PB, sendo muito restritivamente utilizada pelos bilíngues, mais uma vez sem diferenças estatísticas significativas ($p = 0,996$).

Nossa segunda análise buscou observar a produção de relativas cortadoras. Assumimos que essa produção seria mais frequente com as preposições do grupo (B). Para a análise de dados, ajustou-se um modelo

misto binomial que considerou resposta como variável dependente (dois níveis: cortadoras ou outras), grupo e condição como variáveis independentes e sujeitos e itens como efeitos aleatórios. Uma comparação por modelos aninhados mostrou que a interação entre grupo e condição não foi significativa ($X^2 = 1,3796$, $p = 0,2402$). Quando comparado ao modelo nulo, o modelo que considerou somente grupo se mostrou com melhor poder de explicação dos dados ($X^2 = 28,843$; $p < 0,001$), assim como o modelo que considerou somente condição ($X^2 = 12,232$; $p < 0,001$). Neste caso, como tanto o modelo com *grupo* como o modelo com *condição* foram mais significativos do que o modelo nulo, mas a interação entre *condição* e *grupo*, não, ajustou-se um modelo que considerou os efeitos de condição e grupo como fixos, mas sem interação entre eles (condição + grupo, e não condição*grupo). Esse modelo se mostrou mais significativo do que o nulo, em uma comparação aninhada ($X^2 = 41,327$; $p < 0,001$).

Como nosso interesse recai especificamente na condição (B), em relação às cortadoras, toma-se Mon:B como referência, o que nos mostra o seguinte:

TABELA 5 - Resultados do modelo com Mon_B como referência

	β	SE	Z	P
Ref (Mon:B)	2,7414	0,9309	2,945	0,00323
Bil:B	-3,1158	0,5389	-5,782	7,40e-09
Mon:A	-5,7977	1,4278	-4,061	4,89e-05

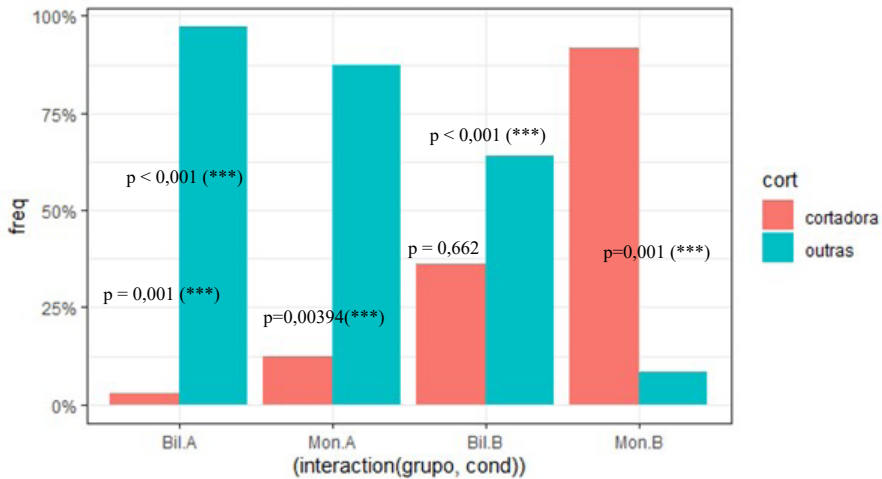
Fonte: elaboração própria.

Os participantes com pouco ou nenhum conhecimento de inglês, na condição (B), estão efetivamente privilegiando o uso de cortadoras, cerca de 15,51 cortadoras para cada 1 outras construções. A comparação entre esses falantes e os bilíngues, nessa condição, mostra, por outro lado, que as chances de produção de cortadora caem com os bilíngues ($\beta = -3,1158$; $SE = 0,5389$; $z = -5,782$; $p < 0,001$).

Ao tomar-se Bil:B como referência, verifica-se que as chances de produção de cortadoras para esse grupo não se mostram estatisticamente diferentes das chances de produção de outras estruturas por esse mesmo grupo, nessa condição ($\beta = 0,662$; $SE = 0,8577$; $z = -0,436$; $p = 0,662$).

Em relação ao Gráfico 4, observa-se que a produção de cortadoras aumenta para a condição (B) em comparação com a condição (A), mas para ambas condições, (A) e (B), os bilíngues produzem significativamente menos cortadoras do que os não bilíngues ($p < 0,001$ para ambas condições na comparação entre grupos). Por outro lado, observa-se que a cortadora se mostra a estratégia preferida em relação a outras alternativas, com diferença estatisticamente significativa, para os não bilíngues ($p = 0,001$), mas para os bilíngues, não há diferença significativa entre a produção de cortadora ou de outras alternativas na presença de preposições do grupo (B) ($p = 0,662$):

GRÁFICO 4 - % de produção de cortadoras em função de grupo e condição

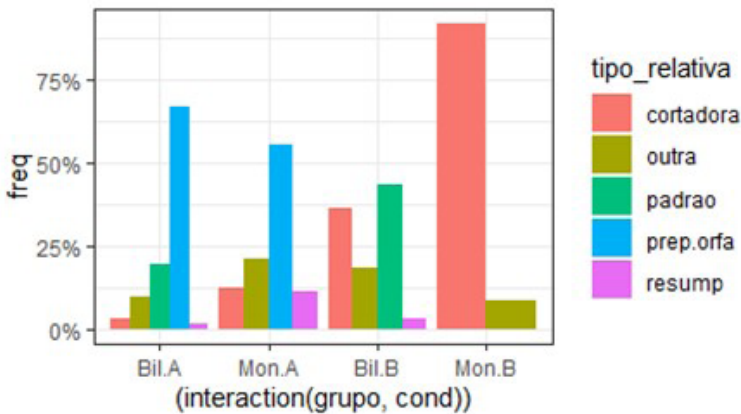


Em suma, os resultados das análises feitas para as cortadoras demonstram que essa estratégia é privilegiada pelos falantes não bilíngues na condição (B), enquanto para os bilíngues, nessa condição, a produção de cortadoras e de outras estruturas não se distingue estatisticamente. De fato, as chances de produção de cortadoras por bilíngues é diferente da chance de produção de cortadoras por não bilíngues, tanto na condição (A) como na (B).

Nossas previsões em relação ao teste de produção confirmaram-se, assim, parcialmente, já que (i) a produção de estruturas com preposição órfã privilegiou efetivamente as preposições do tipo (A) por ambos os grupos, sem diferenças estatisticamente significativas, embora o grupo de bilíngues tenha apresentado um score mais alto. Por outro lado, (ii) as preposições do tipo (B) foram privilegiados na produção de estruturas cortadoras particularmente pelos não bilíngues e em taxas menores para os bilíngues, com diferença estatisticamente significativa.

Retomamos as respostas fornecidas pelos participantes para verificar a distribuição geral por tipo de relativa (incluindo, assim, padrão e resumtiva), como pode ser visto no Gráfico 5:

GRÁFICO 5 - tipos de relativas produzidas em função de grupo e condição



Fonte: elaboração própria.

Essa distribuição deixa claro que as preposições do tipo (A) permitem uma variedade de estratégias, mas há uma preferência pelo uso da preposição órfã por ambos os grupos, lembrando que, embora os bilíngues tenham um percentual ainda mais alto do que os não bilíngues no uso dessa estratégia, nessa condição, essa diferença não se mostrou estatisticamente significativa. Em relação às preposições da condição (B), não se vê essa variedade de estratégias sendo utilizadas pelos não bilíngues, sendo a estratégia cortadora significativamente privilegiada, o que não ocorre com os bilíngues, que fazem uso de várias estratégias, inclusive a estratégia padrão, com o carreamento da preposição.

Nossos resultados indicam que variantes linguísticas presentes em uma língua podem ser diferentemente avaliadas e acionadas em função do conjunto de regras disponíveis para cada falante, considerando-se não somente as regras que compõem a gramática da língua em si, mas regras adicionadas, relativas a línguas adicionais. É nessa direção que se pode fazer sentido dos resultados obtidos: a aceitabilidade da variante inovadora no PB, a relativa com preposição órfã, é mais bem aceita pelos bilíngues português/inglês do que os não bilíngues. Quanto à produção, os bilíngues se conformam às regras do PB, evitando o uso de preposição órfã justamente com o mesmo conjunto de preposições que os não bilíngues, mas o tipo de estrutura produzida chama a atenção. Enquanto o não bilíngue privilegia o uso da relativa cortadora, o bilíngue faz uso de um grupo mais variado de opções, mostrando um comportamento distinto.

5 Considerações finais

Este estudo tratou de uma estrutura inovadora no PB, as relativas com preposição órfã, por meio da aplicação de duas tarefas psicolinguísticas: um julgamento de aceitabilidade com escala *likert* e uma tarefa de produção eliciada. Considerou-se que o tipo de preposição e a quantidade de *input* recebida constituiriam fatores relevantes para maior ou menor aceitabilidade e produção desse tipo de construção.

As preposições manipuladas constituíram dois grupos: (A) consideradas mais propensas ao isolamento em PB, e (B) menos propensas ao isolamento em PB, segundo discussões em Salles (2003) e Marcelino (2007). Dois grupos de participantes foram contrastados: falantes de PB com nenhum ou pouco conhecimento de inglês e estudantes brasileiros de um curso de Letras português/inglês. Considerou-se que os estudantes bilíngues estariam expostos a um *input* duplo que privilegiaria o uso de preposições órfãs, já que receberiam esse *input* vindo do próprio PB, no qual a construção com preposição órfã tem se tornado mais frequente, e do inglês, língua na qual esse tipo de construção é considerada legítima e bem frequente.

Assim, as tarefas aplicadas objetivaram verificar em que medida as restrições quanto ao grupo de preposições mais ou menos propensas ao isolamento condicionariam a aceitabilidade e produção de relativas com preposição órfã, assim como verificar se os níveis de aceitabilidade e produção desse tipo de construção seriam mais acentuados nos bilíngues, que estariam expostos a um *input* duplo, com maiores possibilidades de contato com esse tipo de estrutura.

Nossos resultados indicaram que há efetivamente uma maior aceitabilidade desse tipo de construção pelos bilíngues, sendo sua produção bastante alta também, mas praticamente restrita às preposições legitimadas nessa posição no PB. Assim, os resultados indicam que o *input* duplo parece levar os bilíngues a se mostrarem mais tolerantes quanto a essa estrutura, mas apenas na tarefa de julgamento de aceitabilidade. Os resultados também permitem afirmar que as relativas com preposição órfã, respeitadas as restrições, são estruturas já bem aceitas e naturalmente produzidas pelos falantes de PB. Adicionalmente, ao investigarmos falantes bilíngues, o estudo sugere que a presença de estruturas similares na língua adicional pode favorecer a aceitabilidade de variantes linguísticas inovadoras na língua materna. A noção de gramáticas múltiplas e o papel da quantidade de *input* disponível para o falante de mais de uma língua/norma parecem se mostrar relevantes para a legitimação de determinadas estruturas e potenciais influências entre conjuntos de regras gramaticais. Entender melhor que fatores podem intermediar essa relação (papel da língua/dialeto dominante; facilitação do processamento; contextos de uso, etc) será, no entanto, objeto de estudos futuros.

Declaração de autoria

Marina R. A. Augusto - escrita-revisão e edição; conceitualização, supervisão
Ana Angélica da Silva Orlando - escrita-rascunho original; curadoria dos dados

Agradecimentos

Agradecemos a Wellington Couto de Almeida pela ajuda com a análise estatística.

A primeira autora agradece o *grant* Prociência 2020, da FAPERJ/UERJ.

Referências

ALEXANDRE, N.; HAGEMEIJER, T. Estratégias de relativização de PPs no mundo lusoatlântico: crioulos de base lexical portuguesa e variedades do português. In: MOURA, D.; SIBALDO, M. (eds.). *Para a história do português brasileiro: sintaxe comparativa entre o português brasileiro e língua crioulas de base lexical portuguesa*. Maceió: EDUFAL, 2013. p. 49-71. v. III. tomo IV.

BAAYEN, R. H.; DAVIDSON, D. J.; BATES, D. M. Mixed-effects modeling with crossed random effects for subjects and items. *Journal of memory and language*, Amsterdam, v.59, n.4, 390-412, 2008. DOI:10.1016/j.jml.2007.12.005

BATES, D.; MAECHLER, M.; BOLKER, B.; WALKER, S. Fitting Linear Mixed-Effects Models Using lme4. *Journal of Statistical Software*, Los Angeles, v. 67,n.1, p. 1-48, 2015. DOI: 10.18637/jss.v067.i01.

BRAME, M. *A new analysis of the relative clause*: Evidence for an interpretive theory. Unpublished manuscript. MIT. 1968.

CHRISTENSEN, R. H. B. Ordinal - Regression Models for Ordinal Data. R package version 2019.12-10, 2019. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=ordinal>. Acesso em 19 out. 2022.

DE LEMOS, S.H. *Preposition Stranding in Heritage Speakers of Brazilian Portuguese*. 2013. 126 f. Tese (Master of Arts in Linguistics) - Florida International University, Miami 2013.

GROLLA, E.; AUGUSTO, M.; RODRIGUES, E. O desenvolvimento das orações relativas em português brasileiro: dados de produção. In: Junior, P. M.; Guesser, S.; Lunguinho, M. V.; Vicente, H. G. (orgs.) *Relativização e clivagem no PB: sintaxe, aquisição, diacronia e experimentação*. Editora Pontes: São Paulo, 2020. p. 107-148.

KATO, M. A. Recontando a estória das relativas. In: KATO, M.A.; I. ROBERTS (eds.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 223-262.

KATO, M.; NUNES, J. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In: Nunes, J. (org.) *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 93–120.

KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

KENEDY, E. *Aspectos Estruturais da Relativização em Português: uma análise baseada no modelo raising*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

KENEDY, E. Desempenho de indivíduos normais e afásicos em teste de juízo de gramaticalidade sobre orações relativas preposicionadas. *Revista do ISAT*, Rio de Janeiro, v. 06, n.1, p. 31-46, 2006.

KENEDY, E. Estruturas Sintáticas de Orações Relativas. In: BISPO, E.B.; OLIVEIRA, M.R. de (org.). *Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas*. Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 11-46.

KUZNETSOVA A.; BROCKHOFF P. B.; CHRISTENSEN R. H. B. lmerTest Package: Tests in Linear Mixed Effects Models. *Journal of Statistical Software*, v. 82, n. 13, 1-26, 2017. DOI: 10.18637/jss.v082.i13.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. A relativa resumptiva em dois momentos do português brasileiro. *Revista do GEL*, Araraquara, v.6, n.2, p. 61–84, 2009.

MARCELINO, M. *O parâmetro de composição e a aquisição/aprendizagem de L2*. 2007. 211f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MARCHESAN, A. C.; MIOTO, C. As relativas livres infinitivas no PB. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 44-59. 2014.

MEDEIROS JUNIOR, P. Uma análise da relativização no PB: questões teóricas e panorama geral. In: Junior, P. M.; Guessser, S.; Lunguinho, M. V.; Vicente, H. G. (orgs.) *Relativização e clivagem no PB: sintaxe, aquisição, diacronia e experimentação*. Editora Pontes: São Paulo, 2020. p. 77-106.

NOVOGRODSKY, R.; FRIEDMANN, N. The production of relative clauses in syntactic SLI: A window to the nature of the impairment. *International Journal of Speech-Language Pathology*, Melbourne, v. 8, n.4, p. 364–375. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/14417040600919496>

ORLANDO, A. A. da S. *Preposições órfãs em estruturas relativas no português e no inglês: uma análise comparativa com bilíngues universitários*. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. A transferência, a interferência e a interlíngua no ensino de línguas próximas. In: CONGRESO BRASILENO DE HISPANISTAS, 2., 2002, São Paulo. *Proceedings online... [S.l.: s.n., 2002]*.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2021. Disponível em: <https://www.R-project.org/>.

ROEPER, T. Universal Bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge, v. 2, n.3, p.169-186, 1999.

SALLES, H.M.M.L. Aspectos da sintaxe de pre- e posposições em línguas românicas e germânicas. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 1, p. 251-265, 2003.

SALLES, H.M.M.L. Aspectos da sintaxe de clíticos e artigos em português. *Revista Letras*, Curitiba, v. 56, n. 1, p. 141-155, 2001.

SILVA, R. V. de O. *Análise da estrutura das orações relativas no português falado de Belo Horizonte: uma abordagem variacionista*. 2011. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2011.

SNYDER, W. A Neo-Davidsonian Approach to Resultatives, Particles and Datives. *Proceedings ...*, v.25, p.457-471, 1995.

TARALLO, F. L. Relativization Strategies in Brazilian Portuguese. 1983. 273f. Dissertation (Doctoral in Philosophy) – School of Arts and Sciences, University of Pennsylvania, 1983.

VERGNAUD, J-R. *French relative clauses*. 1974. 288f. Tese (Doutorado em Filosofia) Departamento de Literaturas Estrangeiras e Linguística, Massachussets Institute of Technology, 1974.

WINTER, B. *Linear models and linear mixed effects models in R with linguistic applications*. Disponível em: <http://arxiv.org/pdf/1308.5499.pdf>. 2013.